

Avilês de Taramancos: vida e poesía

Aurora Marco

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

MARCO, AURORA (2011 [2003]). “Avilês de Taramancos: vida e poesía”. *Agália*: 75-76, 9-28. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/214>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

MARCO, AURORA (2003). “Avilês de Taramancos: vida e poesía”. *Agália*: 75-76, 9-28.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.



Avilês de Taramancos: vida e poesia

Aurora Marco

(Universidade de Santiago)

I. PAISAGENS DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (1935-1953)

“O tempo, como un soño, pódese esmiazar... Os rostros son os signos de identificación, vense os trasavós e vense os fillos e hai sempre un risco, un sinal, un aire ou un xesto de familia co que un se sente reconfortado e continuador da xénese que os criou.”

Taramancos é umha pequena aldeia da paróquia de Boa, que dista do concelho a que pertence, Nóia, três quilómetros. Umha aldeia de trinta casas, entre a praia de Testal e o souto de castanheiros e nogueiras que se recorta no horizonte. Numha dessas casas vivêrom as famílias de Pastora Queiro Casais e Josefa Fuentes Queiro, bisavó e avó do poeta respectivamente. A aquele núcleo familiar que morava de velho na aldeia noiosa, uniu-se o formado por Manuela Vinagre Fuentes e Severiano Avilês Outes, natural de Vilar de Boa, sapateiro de profissom, logo embarcado como outros homes da família para perder-se no mundo e, alguns, para nom volver. Quatro fillos sobrevivêrom dos dez partos de Manuela Vinagre: José António, nascido em 6 de Abril de 1935; Guilherme (1940); José Manuel (1942) e Afonso (1945).

O mundo inicial do pequeno Antom foi Taramancos, onde o futuro poeta encontrou a força criadora: os rostos que amou; os cantos e contos da avó, das gentes do lugar; o cheiro fresco da terra; os aromas da infância; o trabalho comunal e também o pranto; o cam Drake; a língua... A natureza,





a paisagem, os espaços interiores e exteriores: o forno de pam, a lareira, o sobrado, a corte do gado, a janela e as duas balconadas desde onde se divisa o mar; o mar imenso de Avilés... compõem o seu mundo infantil.

Ali está a sua pátria –a pátria da infância que dixerá Rilke–, naquelas branhas verdecidas, no souto de castanheiros e nogueiras onde se escuita o fundo musical do xilgaro, da laverca, do papo-ruivo, da cotovia; o rugir das folhateiras, o soar das pingueiras em tardes de chuva... E os jogos da rapaziada –o marro, a estornela, a anha- a monte aberto, na estrada que vai cara a Portosinho ou na praia.

Até ao ano lectivo 1946-1947 frequentou a escola de Boa, à frente da qual estava Jesus Rios Silva, um mestre que viu no rapaz de Taramancos excelentes aptitudes para a escrita. Através das composições que fazia e o interesse que amostrava pola leitura, alentou-no e proporcionou-lhe livros, a grande paixom do escritor. Mais adiante, em Nóia,

Manuel Fabeiro apoiou e guiou os primeiros passos do poeta que, aos quinze anos, viu impresso o seu primeiro poema na revista noiosa *Tapal*.

De 1947 a 1950 estudou no Colégio “Andrés Manjón” de Nóia, rebaptizado como “Academia Balmes” em 1949. Avilés fijo o ingresso no Liceu Gelmírez de Santiago em Junho de 1948 e o primeiro curso em Setembro desse mesmo ano. Em Junho de 1949 aprovou as matérias de segundo e, um ano depois, as de terceiro. Ao finalizar o 3º curso de Bacharelato e antes de partir para a Corunha a iniciar estudos de Náutica, obtivo o título de Mecanografía na “Real Sociedad Económica de Amigos del País” de Santiago de Compostela.

A luz, a ledice, a inocência, os jogos infantis, a escola, os trabalhos de umha casa labrega, o mar, o amor da mai que acompassa o alento inicial, “*vagalume na tebra*”; o amor da avó, “*pomba escura do tempo na lareira*”, de onde provém o fermento do canto do poeta; o pai no paquebote, “*ese castelo que por sempre cruza/ polo meu corazón como unha ausencia*”; as gentes do lugar de Taramancos, som as goletas da infância do poeta. Infância feliz, decisiva para o futuro do escritor, que foi entrando maininho na vida, nessa vida de um cativo no meio rural.



Ausências das aulas, brincadeiras com os amigos, primeiros amores adolescentes, leituras... Nom havia muito tempo para o estudo, de que nom gostava demasiado, embora fosse um menino inteligente. As vivências dessa etapa, naquele entorno camponês e marinheiro, ficaram plasmadas nos primeiros versos que compujo, hoje perdidos, e nos publicados posteriormente.

A vocaçom literária

“No meu cerne estava xa decidido, tempo antes, no souto da aldeia, o meu ofício de poeta”

Avilês começou a compor poesia sendo um menino. Daquela produçom inicial quase nom se conserva nada: poemas de exaltaçom de todo o galego na sua vertente rural, camponesa e marinheira; poemas de amor; poemas em que aflorava a fina ironia de que estava dotado, como os dedicados a algum professor da Academia Balmes. Ao mesmo tempo, como tinha umha grande afeiçom pola leitura, ia adquirindo formaçom, desusada para os rapazes daquele tempo, máxime no entorno em que se movia. Era, segundo testemunham os amigos da infância, um *rara avis*.

Na etapa escolar, escapava com freqüência dos jogos infantis em que andava enredado com os outros rapazes para se debruçar na leitura de livros que lhe emprestava o galeguista Manuel Fabeiro. Na bem nutrida biblioteca deste muradám afincado em Nóia, foi completando a formaçom e abrindo-se ao conhecimento e amor pola Galiza. E começou a compor. Se daquela produçom inicial, de que fica constância polos testemunhos dos amigos, nom há amostras, a partir de 1950 si as há em várias revistas.

Foi na revista noiesa *Tapal* onde viu a luz a primeira composiçom publicada do poeta de Taramancos. Fundada e dirigida por Manuel Fabeiro, em colaboraçom com Andrés Rodríguez Milhares –com o apoio do impressor Severo Loronho Laciana–, tinha como Administradores Eduardo Cés Iglésias e Ramom Patinho Ronquete, e como





Entre os inéditos recuperados⁽²⁾ figura un texto poético manuscrito, datado o 25 de Marzo de 1952, “Eran pañuelitos blancos en adioses sensibles”; “Paloma” (1953); “Levarei na miña dorna” (1953).

Nesta poesía inicial “*joven e inexperta pero exenta de vanagloria y presunción*”⁽³⁾, em palabras de Manuel Fabeiro, apunta já a sensibilidade, a musicalidade e a riqueza léxica que chegará a ser um dos aspectos mais destacáveis da sua linguagem poética.

II. ANOS DE BOÉMIA E POESIA (1953-1960)

“Eu fora á Coruña para estudar Náutica pero descubín que o meu amor ao mar era máis ben distante, de velo pero non de sufrilo, era un amor de paisaxe pero non de vivencia total. Eu xa tiña decidido ser unicamente poeta”.

Avilês trasladou-se à Corunha empurrado polo seu pai, que quería seguisse estudos na Escola de Náutica, estudos que nom despertavam nengun entusiasmo nele. Do mar interessava-lhe a dimensom estética, nom o entendia como objecto de estudo e singradura. O noiês instalou-se naquela cidade no ano lectivo 1953-54. Em Maio de 1953 solicitou a admissom ao exame de ingreso. Esta é a única constância documental da passagem de Avilês por esta Escola. Outros interesses, outros compromissos –nom os académicos– atavam o poeta, nomeadamente a literatura, a poesía, a Galiza...

A partir de Novembro de 1953 documenta-se a sua presença na Corunha. Nesta data pronuncia umha conferência nos salons do Ministério de Informaçom e Turismo sobre “A saudade en la poesía celta”, possivelmente no quadro das actividades que desenvolvía a “Peña Amanecer”, movimento juvenil nascido em 1953 e integrado por José Maria Guilhém Rodríguez, Afonso Gallego Vila, Manuel Álvarez Torneiro e o próprio Avilês, ao qual se uniriam mais tarde Rogério Sam Luís, Pepe Álvarez Torneiro, Pantaleom de Escalante, Clarina Díez Martim,



(2) Marco, A., Avilês de Taramancos. *Un francotirador da fermosura*, Toxosoutos, Nóia, 2003, pp. 47-48.

(3) Art. cit. em nota 1.



entre outros. Com eles participou activamente em recitais, conferências, nas festas da poesia que celebravam cada 21 de Março, nos famosos “viafloris” poéticos, em veladas literárias... O órgão de expressão do grupo era a revista “Cuadernos de Amanecer”, cujos primeiros números estavam escritos a máquina e os restantes editou-nos o “Club Imperio” da Frente de Juventudes. Era um grupo muito activo, que alguns tomavam a brincadeira, todo há que dizê-lo. Mas as suas actividades abriram-lhe as portas dos meios de comunicação; gozaram, em geral, de boa imprensa; tinham poder de convocatória; um pai espiritual (González Garcês); mantinham relações com o grupo de poetas de Ferrol, “Aturuxo”... Mas também teve detractores. O próprio Avilés manifesta em *Obra viva*: “Alguén na prensa, por orde oficial, chamábanos “*caterva insignificante de iconoclastas que circulan por el camino del mal*”⁽⁴⁾.

Neste período na cidade herculina entrou em contacto com um mundo novo para ele, “*un mundo irreal onde a literatura, a pintura, a arte, existian, e andaban polas ruas, polas tabernas, tiñan voz humana*”⁽⁵⁾. Fôrom anos de aprendizagem, de reafirmação no seu ofício (escolhido) de poeta, de aprofundação no compromisso nacionalista; anos, sobretudo os últimos, de um certo desacougo provocado pola insegurança perante um futuro incerto, como se desprende da correspondência pessoal, e anos de abundante produção literária, muita dela perdida.

Nas lembranças daquele tempo sempre aparece a figura fascinante de Urbano Lugris. Da sua mão entrou o noíes no mundo da boémia corunhesa: tertúlias nas tascas e cafés, irmandade com as gentes da cultura: pintores, escritores, gentes do teatro, músicos. As ruas de Olmos, Galera, A Estrela fôrom testemunho excepcional daquelas noites de poesia, arte, golos de vinho e ousadia, num entorno sócio-político que nom entendia as argalhadas daqueles moços, e nom tam moços: “*Habia que deixar-se pasar por persoaxes pintorescas –falar galego era pintoresco– e andar nas cata-*

(4) Avilés de Taramancos, A., *Obra viva*, escolma de Ana González Vázquez, Laivento, Santiago, 1992, p. 205.

(5) *Ibid.*, pág. 203.



cumbas á percura dalgunha persoa afin para contar as nosas cuitas ou os anguriantes proxectos de futuro"⁽⁶⁾.

O período do servizo militar em Ferrol (1956-1958) aproveitou-no o escritor para ler e escribir, para se relacionar com os membros de "Aturuxo" (Tomás Barros, Mario Couceiro, Miguel Carlos Vidal), que faziam tertúlia no café "Bonilla" e aonde acudia Avilés de Taramancos quando as suas obrigas como escrevente lho permitiam. Naquele período compujo umha obra de teatro em verso sobre a vida e feitos no Quartel de Marinharia, perdida; e um silabário, também perdido, escrito com um objectivo concreto: que os escolares pudessem ler, escribir e comprender o galego na escola. Estava o escritor integrado na vida cultural ferrolá e a sua produçom literária era objecto de atençom e de crítica laudatória por parte de um destacado analista no campo literário, González Garcês, um poeta que Avilés conhecia da "Peña Amanecer".

"Co mundo da pintura dos anos cincuenta andaba a miña alma a espreitar e non sei se ainda hoxe non me queda algo de plástica na palabra."

O sentido da amizade e um profundo e desinteressado amor por Galiza, uniu-no de por vida ao pintor corunhês José Luís Rodríguez Sánchez. Na altura em que se conhecêrom, o pintor tinha o estúdio na rua Real. Ali se juntava aquele grupo de artistas da palabra e do pincel, e liam *El Jardiner* de Tagore, o *Werther* de Goethe; reliam Bécquer e Rosalia; descobriam Rimbaud; deleitavam-se com *Isla de los* e *El libro y el verso*, de González Garcês, e finalizavam as leituras escuitando música de Chopin num velho fonógrafo de buguina. Nestas coordenadas amistosas há que interpretar a presenza do poeta em Sam Juliám de Samos em 1958, etapa de permanência do pintor corunhês naquele mosteiro para realizar os murais do Claustro de Feijó, centrados na vida de Sam Bieito, onde están os rostos dos amigos e amigas, entre eles Antom Avilés, immortalizado na figura do diabo.



(6) *Ibid.*, pág. 22.



As experiências com as gentes do teatro constituem um interessante capítulo na sua trajetória vital e literária. Entre os amigos: António Naveyra Godoy, director do Teatro de Câmara da “Asociación Cultural Iberoamericana”; actores e actrizes: José Luís Caramês, Marisa Naia, Joám Rodríguez Guisám, Pilar Rodríguez Guisám, Jesus Mosteiro, o pintor

José Luís Rodríguez... Com eles participou como ajudante na montagem do auto sacramental de José Luís López Cid, *La mujer más probada*, na igreja de Santa Eufêmia de Ourense o 12 de Junho de 1955; e na representação de *O incerto Señor Don Hamlet, Príncipe de Dinamarca*, acontecida no Teatro Colom da Corunha em Agosto de 1959. O amor polo teatro, nas suas diversas manifestações, deveu nascer por naqueles anos, em contacto com este mundo dos “cómicos”, com quem se reunia nas tertúlias de “La Cosechera”, no desaparecido “Villanueva”, em “La Galera”; ou assistia aos ensaios nos locais da ACI, que lhes emprestava González Garcês.

“Cando colles o oficio de poeta como unha reserva intima podes desempeñar todos os oficios da vida pero do que estás seguro sempre é de que a tua verdadeira vocación é a poesía”

Havia que sobreviver e o poeta andou a trabalhar em diversos ofícios: de alvanel na construção; em *Emesa*, de ajudante de laboratório, de representante de botons... Trabalhava para poder manter-se. E escrevia, nunca deixou de fazê-lo, embora na cronologia das suas publicações haja alguns saltos porque muita da produção avilesiana se perdeu ou está inédita, sobretudo a desta etapa.

Galiza

Na Corunha –conta-o o escritor em vários artigos e textos de conferências– estabeleceu relações amistosas com um grupo de moços comprometidos com o seu povo, com a sua terra: Joám Casal, Reimundo Patinho, Henrique Iglésias, Eduardo Martínez. Os quatro celebraram



umha cerimonia, “O juramento de Laracha”, umha noite de 1954. onde se comprometêrom a defender umha Galiza livre: “*veláramos as armas e fixéramos do lume e dos montes pondalianos testemuña da nosa adicación até a morte, folgo a folgo, por umha Galiza ceibe e popular*”⁽⁷⁾.

Outros contactos fôrom com os irmaos Carré Alvarelhos, Leandro e Ugio. À casa deste último, em Eiris, casa de galeguidade, acudia o poeta con freqüência, como quem vai colher os estandartes para cavalgar cara a vitória. Também conheceu Álvaro Cebreiro, o autor do Manifesto “Máis alá”, os irmaos Vilar Chao, Alexandre Cebreiro, companheiro do serviço militar; Manuel Maria e Novoneira; Otero Pedrayo. Com todos eles mantivo vivo e fortaleceu o fermento da galeguidade.

Nas lembranças dos amigos de infância e mocidade, já se pom em destaque o amor pola terra, a defesa de Galiza, o compromisso, o que el próprio corrobora: “*Eu nacín galeguista quizais pola miña orixe labrega e mariñeira... Non me facía falta umha idea teórica ou intelectual do galeguismo senón que era umha idea de home criado ao pé da Terra*”⁽⁸⁾.

No que di respeito ao galego como veículo de expressom literária, nos começos publicou alguns poemas em castelhano, poucos. A partir da estadia na Corunha, o galego seria o único meio de expressom escrita. Avilês tem declarado que escrevia na sua língua porque tinha um problema que nom podia resolver em castelhano. O galego era para ele um instrumento de trabalho, mas aginha passou a ser “força liberadora”⁽⁹⁾.

A escrita ininterrompida

“Cantos poemas se perderon, afortunadamente quezais, naquela boémia ...”

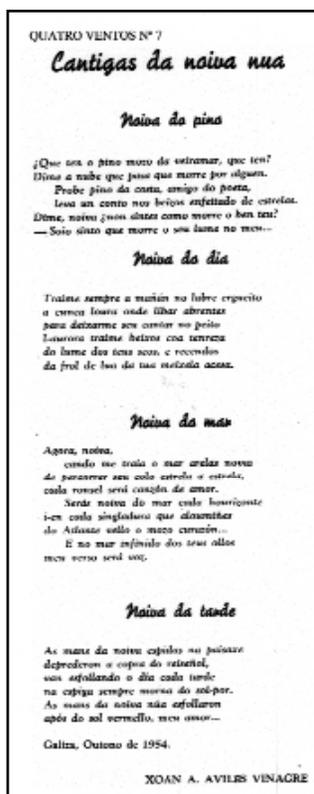
A permanência na Corunha, desde 1953 a 1960, nom fijo mais que acrescentar a vocaçom nascida em Taramancos: “*ser unicamente poeta*” foi umha decisom assumida de menino. Além de todos os poemas perdidos,



(7) *Obra viva*, cit., p. 17.

(8) Agreló Hermo, X., *Avilês de Taramancos*, Toxosoutos, Nóia, 2002, p. 6.

(9) *Obra viva*, cit., p. 15.



de cuja existencia há constância, os publicados nesta etapa corunhesa som:

“Meu anxeio”, “Muiñeiro”, em *Lar*, precedidos de um breve artigo-apresentaçom de Manuel Fabeiro Gómez, “José Antonio Avilés Vinagre. El poeta más joven de Galicia.”, a que já se fijo alusom.

Em *Atlántida* (1954-1956), herdeira de *Alfar*, que compaginou o literário com o artístico, também está a assinatura do poeta: “Sede. Poema louro de amor” (1955). Nesta revista vírom a luz *As moradias do vento* (separata nº 11-12, de Dezembro de 1955), sete composiçoms recompiladas anos mais tarde em *O tempo no espello* (1982). O vento é o protagonista desta poesia musical, desta poesia da natureza, humanizada: o vento mareiro que anda a bailar moinheiras no coraçom da noite; o vento nordês toleirom e afiado; o gigante vento, moinheira de pulos... Poesia e música, característica apontada por Luísa Villalta: “*Non hai un só poema, unha soa descriçion deste vento vitalizador do mundo que non se vexa inserido nun ritmo, un instrumen- to ou forma musical*”⁽¹⁰⁾.

Publicou também em *4 Ventos* (1955), “Cantigas da noiva nua”; em *Aturuxo* (1958), “Balada do barqueiro mozo”; no *Programa oficial de Fiestas de San Juan Bautista* (Sárria, 1959), “Cantos de nenos en roda”; em *La Noche* (1959 e 1960), umha carta poética dirigida ao amigo, “Carta gnómica a Urbano Lugrís” e “Veleiro entrando na ría”.

A *fruta i-o garmelo*, composto por dez poemas numerados e dous finais sob os títulos “Cántico ao albre” e “Carta a un corvo que se chama Alberte”, publicou-se em 1959. Os fundos para a ediçom arrecadárom-se por subscriçom popular entre os amigos das tertúlias e tabernas da Corunha; tivo umha tiragem reduzida. Se antes era o vento o protagonista da separata de *Atlántida*, agora é toda umha escolania de pássaros: a rola, o melro, o xilgaro, o paspalhás... Som os poemas que nascem da íntima relaçom com a natureza, iniciada com *As moradias do vento*. O livro enriqueceu-se com as formosas ilustraçoms dos pintores e amigos Alexandre González Pascoal e José Luís Rodríguez Sánchez, que fijo a

(10) “Un canto á procura do corpo”; Antón Avilés de Taramancos, *A Nosa Terra*, 21, 2002, p. 34.



capa e a quem dedica o poemário. Foi mui bem acolhido pola crítica: Álvaro Cunqueiro dizia que “*está lleno de estupendas revelaciones*”⁽¹¹⁾. Aquilino Iglésia Alvarinho mostrava-se algo desiludido pola “algarabia” da linguagem empregada mas destacava: “*el temblor de las imágenes de que esta poesía va revistiendo las cosas que ven los ojos en la más nueva y más tradicional manera de la poesía de Galicia*”. E engadía: “*La fuerza de la expresión, sin embargo, es tanta que quema todas estas impurezas, dejando al aire la música y la luz de unos versos limpios como cerezas*”⁽¹²⁾.

Dez anos depois, com Avilés longe da terra, Júlio Sigüenza fazia-se eco deste livro. Nom concordava com o léxico “totalmente arbitrário” mas reconhecía: “*el ímpetu creacional, la rica y viva fantasía, y un claro sentido de que el arte supone siempre una elaboración reflexiva que pule y perfecciona los brotes de la espontaneidad. (...) Un buen primer libro... que hace impaciente la espera de los que sin duda han de sucederle en el futuro*”⁽¹³⁾.

Com *Pequeno canto para un peito xoven* concorreu o poeta ao certame convocado polo grupo Brais Pinto em Outubro de 1960 e ficou finalista⁽¹⁴⁾. Este poemário incluíria-o na edición de *O tempo no espello*, 1982, com o título *Poemas a Fina Barrios. Pequeno canto*. Está integrado por dezanove composicións, datadas em 1959, e um poema-epílogo, de 1960. Um amor (e um desamor) de juventude, o da corunhesa Fina Bárrios, inspirou este conjunto de poesias que a Aquilino Iglésia Alvarinho lle parecia “*un libro importante pois trataba o amor dun xeito sensual como non se fixera aínda en galego*”, segundo manifestava Avilés em carta a Bodanho⁽¹⁵⁾. O poeta nom gostava do título mas sim do conteúdo: “*ten poemas ledos e logrados... Indaga por ahí que ó mellor atópalo, para min sería como atopar un anaco de corazón. Foi o meu primeiro amor*”⁽¹⁶⁾.

Fôrom muitas as composicións escritas nesta etapa, algunhas em paradoiro ignorado, outras recuperadas, como “A verba tenra e garimoso o lume”, “Galiza no meu sangue é quen che fala”⁽¹⁷⁾ ou o inédito “Poema da nena namorada”, que conservava José M^a Guilhém em Paris e com que agasalhou a quem subscreve.

(11) “Una ventana”, *La Voz de Galicia*, 3 de Março de 1959.

(12) *La Noche*, 2 de Fevereiro de 1960.

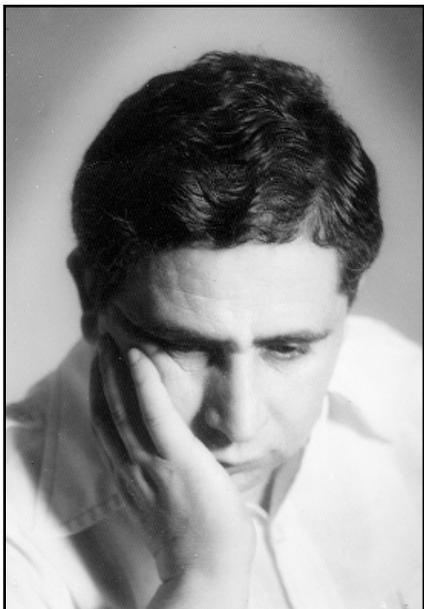
(13) *Faro de Vigo*, 11 de Fevereiro de 1969.

(14) González Blasco, L., “Algo sobre Brais Pinto e as minhas relacións com o fato”, *Agália*, nº 63-64, A Corunha, 2000, p. 168.

(15) Carta de 28 de Janeiro de 1970. Em Marco. A., *ob. cit.*, p. 195.

(16) *Ibidem*.

(17) Em Marco. A., *ob. cit.*, pp. 107.



Volta a Taramancos

*“Terra que me amamenta e que me alcende /
de afervoadá arxila...”*

No verám de 1960 volveu a Nóia. A ideia da emigraçom bulia na sua cabeça. Da Corunha voltara algo desnortado quanto ao futuro. Sentia-se um “guerreiro fracasado” e buscava um meio para sobreviver. Em Nóia reatou a relaçom, nunca interrompida, com os velhos amigos (Basílio Fernández Barbaçám, o “Mestre” Moas, Generoso Souto, Manuel Guerra, Manuel Várzia, o médico José Bieites), gentes de esquerda e galeguistas, que acolhiam nas tertúlias do bar “A nosa casa”, em “A Parra”, em “O Escorial”, a um grupo de moços nacionalistas de sentimento, entre os quais estava o poeta. Entre taças de vinho e conversas, continuavam a sentar cátedra aqueles mestres do sentir popular e

generoso, para ir domeando, segundo Avilês, a bravia juventude daquele grupo e assentando o conhecimento de umha Galiza malferida.

Para encontrar umha saída económica à sua vida e mais por certas pressons políticas, decidiu emigrar, ideia em que matina desde o ano anterior. A Suíça era o destino pensado inicialmente mas, ao fim, seria Colômbia o país eleito.

III. ONDE CANTA O TURPIAL (1961-1980)

Em Outubro de 1961 iniciou o périplo americano que duraria quase duas décadas. Com a bagagem ligeira, algo de roupa, um gabám no braço e poucos cartos, chegou um dia a Bogotá. De 1961 a 1970, o período de maior instabilidade, a aventura foi a sua companheira e contribuiu a tecer a lenda arredor da sua figura, alimentada por algunha carta que enviou a Bodanho. Com vinte e cinco anos e o espírito de aventura próprio da mocidade, foi –segundo o relato epistolar– caçador de tigres, domador de cavalos, contrabandista, guerrilheiro, afiador, pirata, churreiro nas feiras, comerciou com cabeças reduzidas ... Mistério, aventura, incursons na selva –onde encontrou o betanceiro Pakarainha como chefe de umha tribo–, trabalhos fugazes...



Ao pouco de chegar entrou nas oficinas da fábrica de manteiga “Retina” e em Março de 1962, mercê do escultor compostelano Jesus Picom –com quem fundou a “Embaixada da Galiza en Bogotá”– encontrou trabalho como mordomo na Embaixada do Brasil onde permaneceu arredor de ano e meio. Ali achou nom só um ambiente agradável, mas também Sofia Baquero Céspedes, a colombiana com que formou umha família e que compartilhou com ele momentos de alegrias e adversidades, mai dos seus três filhos. A peregrinaçom por diversos ofícios (muitos deles ligados ao mundo da hotelaria), levou o par por diversos bairros da cidade: “Chapinero”, “Rincón Llanero”, “Gaitán”, “Minuto de Dios”, “La Bonanza”; trabalhou nas oficinas de Ibéria, numha “marranería”, vendeu produtos da horta que ele próprio cultivava, exerceu de químico improvisado na Bayer, S.A., como especialista em tratamento de águas; tentou a introduçom de “Cervezas El Aguila”; vendeu livros a domicilio... Como distribuidor-vendedor da Editora-Livraria Santa Cruz, conheceu José Porto, um galego que regia a “Cultural Colombiana” com sucursal em Cali. Ali marchou Avilés com Sofia, Santiago (1967), e Luís (1969) –antes casaram em Bogotá, em 29 de Novembro de 1970–. Em Cali veu ao mundo o terceiro filho, Guilherme (1971). Umha nova etapa de quase dez anos começou para os Avilés-Baquero, umha etapa de estabilidade económica e de certo acougo.

Com o trabalho como gerente na Cultural Colombiana de Occidente transcorrêrom os melhores anos por terras andinas (1971-1980). Profissionalmente, era o ambiente mais ajeitado para um home com tantas inquietudes culturais, que nunca abandonara a leitura e que, de vez em quando, escrevia “*a ráfagas, como os furacáns*”. O poeta volveu aos recitais, a organizar actividades culturais, como aquela exitosa feira do livro no primeiro ano da sua chegada; relacionou-se com as gentes da cultura, do jornalismo; trabalhou em diversas iniciativas para dar a conhecer a literatura galega; leu, leu muito: poe-





tas cubanos, peruanos, colombianos, venezuelanos, brasileiros, que deixárom pegadas na poesia posterior. Tentou, inclusive, a aventura política com um jornalista cubano amigo seu, José Pardo Llada, no denominado “Movimiento Cívico” que chegou a apresentar-se às eleições.

*“Ando lonxe e senlleiro, triste e lonxe,
como unha besta acoitelada brúo
e arrepianse os Andes ó meu paso.”*

O ánimo do poeta passou durante todos os anos em que estivo fora por horas mui baixas. A saudade, que o mortificava, a dor da ausência, o nome da Galiza, a família, os amigos e amigas, a extrema sensibilidade, sumírom-no num estado de tristeza que se reflecte em toda a corres-

pondência e na poesia desta época: *“Unicamente a saudade me ten crucificado. Non poido ter un día de festa, nen de acougo. Nos logares máis fermosos onde poidera ter un intre de lediza, o nome de Galiza, dos amigos, acoítelanme terrivelmente e vólvome aspro, duro, incomprensível. Non podo desfacer o nó dista forza cósmica”*⁽¹⁸⁾.

A Avilés custou-lhe a adaptación a um novo país, porque aquele fundo buraco onde tratou de soterrar o sentimento, nunca chegou a fechar-se. Dez anos depois, de regresso à Galiza, sentiria essa mesma saudade pola Colômbia, que fijo dele um home tam colombiano como galego, mas naquela altura nem os amigos, nem a chegada dos filhos, nem o novo trabalho, com o qual se sentia mais realizado do ponto de vista pessoal, o faziam esquecer por um momento a terra que deixara no mês de Outubro de 1961:

*Este brado da terra, esta atadura,
esta diaria e fonda coitelada
que escarabella na raíz mais pura,
tenme a vida de morte atravesada.*

Os anos que viveu na Colômbia fôrom fundamentais para a produçom literária. Além da obra escrita durante aquele período –que veria a luz umha vez regressado a Nóia–, o germe dos nostálgicos *Cantos caucanos*

(18) Carta a Salvador García Bodanho de 28 de Janeiro de 1970. Em Marco. A., *ob. cit.*, p. 195.



(1985), da *Nova crónica das Índias* (1989), unido às leituras, nomeadamente de poetas brasileiros (Manuel Bandeira, Olavo Bilac, Afonso de Guimaraes), há que procurá-los naquela terra. Avilês nom abandonara a escrita e numha daquelas “ráfagas” compujo “Poemas da ausencia”, 1ª parte (1963), os poemas do emigrante habitados pola saudade. Na 2ª parte (1969), em que de novo a nostalgia da terra mai estala em formosos e irados versos, no “*pranto dun tigre malferido e lonxano*”, inicia-se a fusom do poeta com o mítico Ulisses/Odisseu, umha constante na obra posterior, um *leit-motiv* que estará presente a partir daquele momento na produçom poética e prosística.



Nova crónica de Ulises (1978), constitui o derradeiro livro composto, em parte, na Colômbia. Dous poemas, “¡Ai a miña cidade de sol!” e “Cali” están escritos desde a saudade da terra americana: “*Agora teño saudade/ do camiño que hei de andar/ lonxe da miña cidade*”. Tentado estivo Avilês/Ulisses a retomar o caminho andado, trás o regresso a Ítaca-Nóia porque a terra que o acolhera, aquela terra dos mil rios como nervaduras, ficou para sempre no seu corazón; mas, após os agoiros dos vinte anos de exílio-emigração, Ulisses Fingal –pseudónimo que utilizou como homenagem a Urbano Lugris– empredeu a rota de encontro à branca silhueta dos montes que se apresentam trás o mar.

IV. NA PORTA-ÚTERO. NA PORTA-PORTO (1980-1992)

*“De novo nas ribeiras da patria o pai Ulises canta,
a voz ven desde o fondo das arterias peneirada nun soño
como cando o derradeiro lobo do mundo ouvea no solpor
ou o neno orfo e solitario tece o seu berce ás dentelladas.”*

Em Abril de 1980 chegou o escritor ao porto mais abrigado do mundo, Nóia, com a lembrança da avó, que morrera em 1973, do seu canto, da sua voz, e com “*as bágoas xordas a caer na alma*”. Quijo entom devolver-lhe, com a sua entrega e entusiasmo, os vinte anos de ausência. Montou um negócio de hotelaria, “Tasca Típica”, que se converteu de imediato



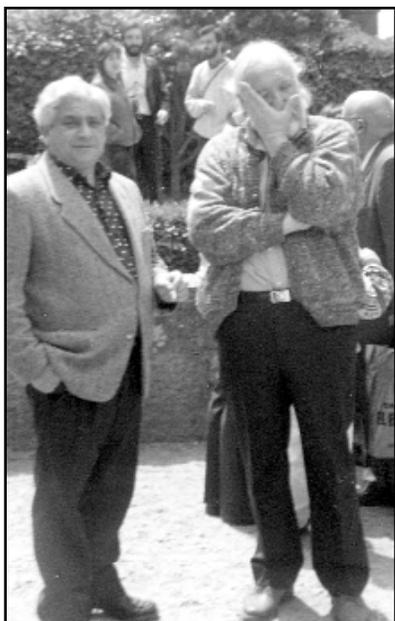
em centro de reunião e de actividade cultural.

Colher brio para nova andadura: essa foi a ideia de Avilés ao regresso. Através de Miguel Iglésias, o amigo de sempre, foi estabelecendo relações amistosas com gente nova, gente com inquietudes culturais que andava a dar os primei-

ros passos em movimentos reivindicativos. Aginha buscou um oco e cujo pôr-se ao dia. Começou a participar de forma activa em todos os actos celebrados na vila e pujo-se ao trabalho com entrega e paixom. Nasceu a Associação Cultural “Catavento” na primavera de 1983. Embora tivesse vida curta, a ideia de juntar pessoas que estavam a trabalhar em solitário pola cultura, foi muito proveitosa. Ao pouco de se constituir, organizou um acto para celebrar o Dia das Letras Galegas, que contou com a presença de Ricardo Carvalho Calero num atestado salom de plenos do Concelho de Nóia. A este seguiriam-lhe outros muitos, como as Jornadas de Teatro na Escola; a “I Mostra de curtidores e zapa-teiros”; actos em homenagem à poetisa noiesa Maria Marinho em Outubro desse mesmo ano, com a colocação de umha placa na casa onde nasceu, a rua Cega...

A presença de Avilés nesta década de 1980 em actos culturais foi constante: Encontros de Escritores celebrados em Poio (1981) e Baiona (1986), neste último como Presidente da Associação de Escritores em Língua Galega para a qual fora eleito em 1986; numerosos recitais por vilas e cidades; debates, actos reivindicativos; conferências em associações e centros de ensino; dirigiu a sua palavra acesa aos emigrantes de Lausanne em 1987; pronunciou discursos, alguns recolhidos em *Obra viva...* Actividade intensa que nom lhe impediu a dedicação ao labor poético.

O contacto com a Galiza, com a gente que o fazia sentir, o afiançamento na própria terra, a recuperação das raízes e da força criadora, dérom-lhe um vigor extraordinário. Além desta actividade incessante, abrolhou o



labor poético e comezárom as colaboracións em *Dorna*, *Cen augas*, *Caravela de xiada*, *A Nosa Terra*, *Agália*, *Boletín Galego de Literatura*, *Nó*, *Luzes de Galiza*, *Seiva*, *Mocidade*, *Eis...*

A publicación de *O tempo no espello* (1982), que incluí a obra anterior a 1980, foi umha excelente carta de presentación para o escritor de Taramancos. Salvador García Bodanho destacava na Introdución que a súa poesía era de umha qualidade e dimensión pouco frecuentes.

Desde que chegou a Nóia escribiu de modo ininterrompido poemas e poemas que entregava aos amigos e amigas (muitos deles non vírom a luz nem a verán posiblemente); composicións ou prosas líricas para programas de exposicións; poemas destinados a personaxes populares de Nóia e aos amigos, como os "Sonetos de corpo enteiro" (1980); a obra de teatro, *Tres capitáns de tempos idos*, escrita para que a representassem os escolares da Serra de Outes

(1983)⁽¹⁹⁾; colaborou con tres seccións no xornal *Barbanza*, dirixido por Socorro Santos Lorenzo, que durou quase dous anos (1988-1989). Parte dos textos publicados neste xornal fôrom reunidos en edición póstuma, *Obra viva* (1992). Nesta década saírom os libros que o consagrárom como um dos mais importantes poetas do século XX:

Cantos Caucanos (1985), nascido da saudade revertida, do amor à Colômbia, é umha exaltação, umha homenagem de amor a aquela terra percorrida pola luz extensa do Cauca, por onde desfilan cidades (Popaián, Tolima, Ipiales, Chachauí, Catamarca), personaxes (Nereo, o índio Sandoná), a música (o mapalé, a cúmbia, o currulao), paisagens, amores, odores (coentro e malvasia), sabores, e até a recei-



(19) Esta obra foi publicada por Edicións Xerais neste ano de 2003, ao cuidado de Pilar Sampedro Martínez.



ta do “sancocho”, que Avilés preparava muito bem. Com este livro de madurez converteu-se em referência inquestionável dentro da poesia galega. Foi premiado pola “Asociación de Escritores de España”, em 1986, e ficou finalista do “Premio Nacional de Literatura”.

Em *Nova Crónica das Índias* (1989), livro de relatos escrito ao jeito das antigas crónicas, oferece umha visom da terra onde viveu, misturada com elementos autobio-

gráficos. Som dezasseis narraçons, em que a realidade e a ficçom se entrelaçam. Entre o texto que abre o livro –um retrato da vida na aldeia, da infância feliz em Taramancos– e o epílogo –o regresso de Ulisses à sua Ítaca particular–, há catorze textos co-protagonizados por personagens que tivérom algo que ver na vida do poeta.

As torres no ar (1989), ilustrado com debuxos de Urbano Lugris, Afonso Costa e Alexandre González Pascoal, supom a recuperaçom do paraíso perdido, umha maneira de entrar de novo na terra retomando o tempo da infância, com umha temática centrada na terra, no mar e no amor, os caminhos que sempre trilhou o poeta.

Em ediçom póstuma viu a luz, em Dezembro de 1992, *Última fuxida a Harar*, o livro que foi compondo durante o processo da doença, um testamento poético, acompanhado de formosas ilustraçons, onde se funde de novo a vida com a literatura, com a poesia. Em nota introdutória, Miguel Anjo Fernám-Velho, a quem dedicou o livro, apresenta o poemário como “o produto dunha imensa fe no acto poético: enfrentado o autor, con lucidez rimbaudiana, a unha morte anunciada e cruel...”⁽²⁰⁾.

A obra de Avilés de Taramancos foi considerada como “unha das mellores poéticas que podían suceder nunha Galicia necesitada da esperanza dos seus mellores homes”⁽²¹⁾; “Un dos estádios máis brillantes da história literária con-temporánea”⁽²²⁾, por citar duas críticas de escritores que se ocupárom da sua poesia.

(20) *Última fuxida a Harar*, Espiral Maior, A Coruña, 1992, p. 7.

(21) Assim opinava Ramiro Fonte em *Luzes de Galiza*, 7, 1993, p. 29.

(22) “Antón Avilés de Taramancos. Torre de poesía”, em *El Correo Gallego*, 5 de Maio de 1992.



Actividade política

Umha das vertentes em que Avilês exerceu o labor social foi na política. Galeguista por convicção desde a adolescência, quando voltou à Galiza começou a frequentar pessoas, grupos e ambientes do nacionalismo independente ou militante. Na verdade, Avilês nom era home de disciplina partidária, segundo se desprende dos testemunhos dalguns amigos e da leitura de um texto seu(23) , que resume, em minha opinião, o seu pensamento. Mas trabalhou de braço dado com o BNG, organização com que compartilhou ideário, e foi nas suas listas nas eleições municipais de 1987, encabeçadas polo polémico Pastor Alonso.

A passagem de Avilês pola Concelhalia de Cultura (1987-1991) foi extraordinariamente fecunda. Com um labor árduo e teimoso, converteu as ideias em brilhante gestom: Restauração e classificação do Arquivo Notarial do Concelho; criação de umha Casa de Ofícios, inaugurada em Novembro de 1989; A Casa da Cultura que leva o seu nome, inaugurada em 12 de Maio de 1990; promoveu a publicação de obras; as colecções de poesia “Verba que comenza”, destinada aos poetas novos, e “Vento de fóra” para as traduções de poetas estrangeiros; dotou de infraestrutura material e humana a Escola de Música, que passou a converter-se no Conservatório Municipal “Felipe Paz”; propiciou a celebração de *Artesanoia*; o inventário do patrimonio histórico; a classificação e ordenamento do Arquivo Municipal; a restauração da porta lateral da igreja de Sam Martinho, peça de grande valor histórico-artístico; as escavações em Santa Maria a Nova; a restauração do órgão da igreja de Sam Martinho; a promoção das Letras Galegas através de concursos entre rapazes e raparigas das escolas; a organização de exposições, concertos, da Semana Musical, das Festas Patronais... Umha

(23) “Ainda sigo a soñar. E soño acaso que na miña taberna –a que ias visitar no día da tua morte– alzaremos a copa no teu nome, Bautista e mais Ferrin, Beiras e mais Camilo, Claudio e mais Pousa Antelo, os capitáns cicatrizados na loita e na esperanza, e que unha nova forza unificada agrome a tua sombra e nos devolva a pátria” (“Na morte de Reimundo Patiño. Soñar en vegliota”, *Obra viva*, cit., pp. 17-18).



etapa muito feliz no terreno das realizações e muito triste, sobretudo ao final, no terreno pessoal polos desencontros com o alcalde Pastor Alonso.

Na primavera de 1991 detectou-se-lhe a enfermidade, um cancro de gânglios linfáticos, “a besta”. Apenas dous anos depois da morte de Lela da Pastora –a “*mater amabilis, amantíssima mãe, amor de pedra firme*”, falecida em Maio de 1990– desapareceu Antom Avilés no Hospital “Juan Canalejo” da Corunha o 22 de Março de 1992. Morreu novo, ia fazer 57 anos dias depois, mas deixou atrás umha vida intensa, rica em amizades, em amor, e umha obra literária que há que situar entre a melhor produção escrita em Galiza na segunda metade do século XX.

O seu testamento, ológrafo, assinado em 27 de Outubro de 1991, constituiu outra manifestação mais do amor à família e à terra, amor que quijó transmitir aos fillos, a quem pedia respeitassem o seu credo: “*Déixovos en primeiro lugar meus fillos, vós sabedes que poucos bens materiais teño, a miña propia patria que é Galicia, a quen amei sempre, e pola que vos pido que fagades todos os actos da vosa vida, pois foi sempre patria vilipendiada e sometida, e foi sempre o meu afán loitar para conquistar as liberdades que Galicia reclama e que lle son inherentes como nación. Ese é o meu credo que rogo respetedes*”⁽²⁴⁾.

Adicional: Pido que se me entone en Boia,
no sepulcro. Vido este meu pai. Foi unha
lección de vida que en eu estudante des
familia en tempos des visións. Pido que
ela me cubra, e que se faga a seguinte
inscripcón: ANTON AVILÉS DE TARAMANCOS.
POEMA.
Non é por orgullo ou soberbia, senon que
un ceiteiro foi humilde como é o noso ceiteiro
hai trinta anos, labradors, cantantes etc. faga
como que está ben un poeta. Un poeta que
os amos a teros como a seu propia velle
que faga. Non é máis que unhas testemuñas
gracias
27-10-91

(24) Marco, A., *Avilés de Taramancos. Un francotirador da fermosura*, cit., pág. 298 e 300.